

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
REALIZADORES CONVIDADOS: REGINA GUIMARÃES & SAGUENAIL
"FAZER TRABALHAR O ESPECTADOR"
4 de Junho de 2024

MATADOURO / 1992
de Edgar Pêra

Koncepção, Kâmara & Manipulação: Edgar Pêra / Produção Visual: Rita Rolex & Pedro Crux para artigo do Jornal O Independente / Música: Pedro Bidarra / Super-Vizzão: Carlos Assis / Kaptação Cinefotografica: João Pinto Auxiliar / Cinevideo: Laurent Simões / Assistente de Montagem: António Costa / Estreia Fantasporto / Cópia: em 35mm (Filmado em Hi8 re-filmado em 35mm), cor, som, texto em português / Duração: 8 minutos / Estreia Fantasporto.

L'APPARTEMENT DE LA RUE DE VAUGIRARD / 1973
de Christian Boltanski

Realização, Imagem e produção: Christian Boltanski (França) / Cópia: em 16mm, preto e branco, falada em francês, legendada eletronicamente em português / Duração: 4 minutos.

GARE DU NORD / 1965
de Jean Rouch

Realização e Argumento: Jean Rouch / segundo episódio do filme colectivo PARIS VU PAR... / Imagem: Étienne Becker / Montagem: Jacqueline Raynal / Som: Bernard Ortion / Interpretação: Nadine Ballot (Odile), Barbet Schroeder (o marido), Gilles Quéant (o desconhecido na rua) / Produção: Barbet Schroeder, para Les Films du Losange (França) / Cópia: em DCP (original em 16 mm ampliado para 35 mm), cor, legendada eletronicamente em português / Duração: 16 minutos / Estreia mundial de PARIS VU PAR...: 19 de Maio de 1965, Paris / Estreia de PARIS VU PAR... em Portugal: 24 de Fevereiro de 1972, Porto (Cinema Passos Manuel).

ENSAIO PARA A MÃO ESQUERDA / 1988
de Ângelo de Sousa

Realização, Imagem, Som, Montagem: Ângelo de Sousa / Cópia: em ficheiro, cor, som, sem diálogos / Duração: 6 minutos.

REVOLVER OU CHEVEUX BLANCS / 1973-4
de Saguenail

Realização, Argumento e Montagem: Saguenail / Imagem: Claude Favier / Música: Fernando Rodrigues / Interpretação: Natalie Douchkine, Jean Abramovici / Filmado no Conservatoire Libre du Cinéma Français em 1973, França / Cópia: em ficheiro (original em 16mm, digitalizado e restaurado pelo autor em 2017, Hélastre), preto e branco, sem diálogos / Duração: 4 minutos.

DECRESCENTE / 2016
de Saguenail

Realização, Montagem e Produção: Saguenail / Argumento: Regina Guimarães / Imagem: Paulo Castilho, Júlio Alves, Pedro Santasmarinas Silva, João Leça / Som: Rui Coelho / Música: Fernando Rodrigues / Guarda-Roupa: Diana Regal / Maquilhagem e Cenografia: Júlio Alves / Pinturas: Alberto Péssimo / Interpretação: Pedro Miguel Dias, Valdemar Santos, José Eduardo Silva, João Melo, Viriato Morais, Igor Gandra, Jorge Mota, Rui Spranger, António Henriques, Isaque Ferreira / Produção: Hélastre (Portugal) / Co-produção: Riot Films, A Gente a Norte / Cópia: em ficheiro, cor, falada em português / Duração: 50 minutos.

Duração total da projecção: 88 minutos / Com excepção de **Gare du Nord**, todos os filmes são exibidos pela primeira vez na Cinemateca.

com a presença de Regina Guimarães e Saguenail

Como se refere na nota que introduz esta sessão, este programa “está sob a influência dos espaços. Espaços de diferentes naturezas, numa linha que circula entre o espaço ficcional, imaginário, e real, físico”. Por outro lado, a designação que agrupa seis filmes muito diferentes, mas todos eles de cariz fortemente experimental, é “fazer trabalhar o espectador”. Entre um pensamento sobre o espaço cinematográfico e a questão do espectador, estas são apenas algumas pistas para tentar uma aproximação a filmes que invariavelmente regressam ao tema da morte.

Em **Matadouro**, filme de Edgar Pêra, o espaço fechado do já extinto matadouro de Lisboa é literalmente transformado, culminando numa imagem muito manipulada e mediada pela televisão, questionando-se o papel e as reacções do espectador. Os contornos do gesto da vaca a ser degolada com o seu sangue a jorrar, ou de uma motosserra que corta veementemente o osso, diluem-se no seio da representação que, pela muita manipulação da imagem electrónica a que Pêra nos habituou, culmina na abstracção. Opera-se assim uma transformação do real representado em imagens de imagens acompanhadas por música electrónica, numa cadeia infinita que nos afasta do referente original para culminar num pequeno ecrã televisivo, cujo contracampo nos é revelado por Pêra. “Vai, e dá-lhes trabalho”, dizia-se nas **Recordações da Casa Amarela**. E Pêra dá literalmente trabalho ao espectador, sentado semi-inerte face ao ecrã e que olha a morte de tão perto.

A grande singularidade de **L'appartement de la Rue de Vaugirard**, pequeno filme realizado por Christian Boltanski, reside numa interrogação da figura da descrição através de uma discordância de base entre o espaço que vemos na imagem e o que é descrito por um texto dito em *off*. Se a câmara percorre pacientemente um apartamento vazio onde se detectam vestígios da presença dos seus hipotéticos habitantes anteriores, uma voz descreve esse mesmo espaço, como que o fazendo regressar a uma existência passada,

em que as salas vazias que observamos eram ocupadas por sofás, mesas e cadeiras, ou um quarto igualmente vazio seria ocupado por uma cama onde estaria uma criança. O nosso imaginário é assim activado para preencher os intervalos entre texto e imagem, sendo que há momentos de uma directa correspondência – os cartazes que ainda permanecem afixados nas paredes –, que perturbam duplamente o dispositivo e o espectador. Artista plástico cuja obra ficou conhecida pelo modo como aborda a questão da memória na sua articulação com imagens de uma história traumática associada à Alemanha nazi e à Segunda Guerra Mundial, em **L'appartement de la Rue de Vaugirard** não deixa de se sentir a presença da morte. Um trabalho que, para além da forma-filme, também foi apresentado sob a forma de oito fotografias acompanhadas por texto impresso, prática comum no domínio de uma arte de cariz mais conceptual.

Gare do Nord, de Jean Rouch, é um dos seis episódios do filme colectivo **Paris vu Par...**, obra-manifesto da Nouvelle Vague, revelando claramente as afinidades de Rouch com este movimento (os outros segmentos foram realizados por Jean Douchet, Jean-Daniel Pollet, Eric Rohmer, Jean-Luc Godard e Claude Chabrol). À semelhança do que acontecia nos seus documentários, mas também suas ficções anteriores, Rouch transporta para este filme os meios mais leves de um cinema directo. Em **Gare do Nord** o cineasta leva a um limite o trabalho do plano-sequência, que explora intensivamente o interior de um exíguo apartamento ou as ruas parisienses que serão atravessadas pelas personagens. Nesse longo plano-sequência – que na realidade ilusionisticamente se divide em dois –, o espaço e o tempo da narrativa coincidem quase inteiramente com o espaço e o tempo real. Exceptuam-se dois breves planos que enquadram o anterior, o segundo dos quais traduz o intervalo entre o momento em que um homem se suicida na ficção e o momento em que somos confrontados com a imagem da sua morte. Tudo filmado em plano-sequência, numa proeza invulgar que revela o que pode o cinema.

Revolver ou Cheveux Blancs foi realizado por Saguenail com apenas dezoito anos pouco tempo antes de se mudar para Portugal. Produzido no contexto da sua aprendizagem do cinema em Paris, sucede a um conjunto de experiências cinematográficas iniciadas com apenas catorze anos. **Revolver** revela-nos um espaço espelhado, que na realidade corresponde a um reflexo enganador. Espaço cindido por excelência, o espaço do espelho sempre foi uma “espécie de espaço” muito apreciado pelos surrealistas e é assim que desde cedo Saguenail nos revela a sua predilecção por um determinado tipo de cinema marginal que se relaciona directamente com uma prática surrealista, mas também com a restante história do cinema. Nos gestos do protagonista face à falsa imagem que o espelha no feminino (ou vice-versa) reconhecemos tantas outras personagens do cinema feito por cineastas frequentemente citados por Saguenail, de Luis Buñuel a Jean-Luc Godard, estabelecendo-se assim uma cadeia infinita. Mas à parte das citações, **Revolver ou Cheveux Blancs** surpreende sobretudo pela tão clara e precoce revelação de um cinema extremamente poético e verdadeiramente original.

Entre **Revolver ou Cheveux Blanc** e o filme **Decrescente** passaram muitos anos. Com argumento de Regina Guimarães e realização de Saguenail, **Decrescente** recorre às sobreposições de várias imagens para criar um outro tipo de espaço imaginário, também

ele resultante da fusão de vários espaços. Partindo de figuras associadas ao jogo do xadrez, Saguenail pensa aqui a relação entre a realidade presente e a dimensão utópica das revoluções, reunindo um conjunto de personagens que funcionam de um modo coral. Acumulando-se incessantes diálogos escritos por Regina Guimarães, proferidos em espaços contíguos ou em espaços sobreimpressos revelados à semi-transparência, o resultado é uma tela difusa, cujos contornos completos temos dificuldade em descortinar. O humor e o sarcasmo atravessam um filme muito crítico face à contemporaneidade, em que se analisam as relações de poder e os meandros desse mesmo poder, bem como a corrupção, e o papel de todos aqueles que o procuram derrubar e reconquistar. **Decrescente** é muito claro no modo como traduz a faceta mais explicitamente politizada da obra do casal de cineastas, cuja dimensão política se estende ao trabalho das próprias formas cinematográficas.

Ensaio para a Mão Esquerda faz parte de um conjunto de obras fílmicas em que Ângelo de Sousa – amigo próximo do casal e a quem Saguenail e Regina dedicaram vários filmes – explorou a questão da mão, elemento simultaneamente fundamental na sua prática no campo das artes plásticas e no cinema, coincidindo aqui com o próprio tema da imagem. Atrás de uma superfície semi-transparente revela-se a silhueta de uma mão, plano-sequência que culmina na abstracção e em que o desfoque total do que vemos revela a luz que preside a toda a imagem. Na sua simplicidade, **Ensaio para a Mão Esquerda** questiona as possibilidades da imagem cinematográfica e os limites do próprio cinema.

Joana Ascensão